

# Arqueologias de Império

**Delfim Leão, José Augusto Ramos,  
Nuno Simões Rodrigues (coords.)**

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

# SER RAINHA NA PÉRSIA ANTIGA<sup>1</sup>

## (To be a queen in Ancient Persia)

MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA

(fanp13@gmail.com; ORCID: 0000-0001-5356-8386)

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

RESUMO - Ésquilo, Heródoto e Plutarco são os autores que, em diferentes épocas, melhor retratam a vida na corte persa e a influência feminina que circundava o monarca. Sob as cores da fantasia, muito de verdadeiro ressalta da sua intervenção pessoal e política.

PALAVRAS-CHAVE: Atossa; Amestris; Parisátide; *Persas*; *Vida de Artaxerxes*; *Histórias*.

ABSTRACT: Aeschylus, Herodotus and Plutarch are the authors who, in different times, give a portrait of the Persian court and of female influence on the monarch. Under fiction, their true personal and political influence is undeniable.

KEYWORDS: Atossa; Amestris; Parisatis; *Persians*; *Life of Artaxerxes*; *Histories*.

Abordar o tema do estatuto e intervenção da rainha da Pérsia através do olhar grego da época clássica – aquela em que o acesso a uma outra cultura foi estimulado pelo conflito entre as duas margens do Egeu, o império persa e a Grécia – é utilizar sobretudo dois testemunhos, os *Persas* de Ésquilo e Heródoto, o pai da História. Comprometidos, o poeta trágico e o historiador, com uma versão inspirada em acontecimentos verdadeiros mas a que não falta o elemento ficcional, sem o rigor que uma investigação minuciosa e um relato imparcial exigiriam, mesmo assim projetam a opinião que a Grécia do séc. V a. C. tinha da cultura oriental neste aspeto concreto. A focagem adotada por cada um é diversa, não só em função dos pressupostos dos diferentes géneros em que se exprimiam, mas também pela própria sensibilidade e experiência de vida. Ésquilo, um combatente contra a invasão persa em terreno grego, traça do inimigo, em termos sobretudo simbólicos e universalistas, a imagem de uma grande potência, apesar disso não imune ao castigo divino que um excesso de arrogância acarreta; Heródoto, um grego da Ásia, desenvolve a longa trajetória que leva à constituição de um grande império do oriente e justifica, dentro de uma tradição aqueménida, a campanha decisiva que os Persas se determinaram a levar a cabo na Europa. Num e noutro destes dois autores, Atossa, esposa de Dario e mãe de Xerxes, assume um papel determinante como paradigma da ideologia reinante

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto UID/ELT/00196/2013, financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

e exemplo da influência que a rainha consorte ou regente podia ter na corte persa. Séculos mais tarde, inspirado ainda nos autores clássicos e na recriação de paradigmas do passado, Plutarco dedica a Artaxerxes uma das suas *Vidas*<sup>2</sup>, insistindo em quadros do quotidiano do palácio, onde o círculo feminino em torno do rei tem uma relevância inegável. Somados estes testemunhos, podemos rever o trajeto da corte persa durante pouco mais de um século (séc. V e início do IV a. C.), com as suas querelas, paixões, ódios, influências. Dentro de um determinado conceito literário, todos estes relatos focam sobretudo *tà genómēna*, as práticas do quotidiano, sem deixarem de reconhecer que os grandes momentos e as tomadas de decisão política têm, com estes bastidores, uma relação estreita.

Ao envolver Gregos, sobretudo Espartanos, na questão sucessória que confrontou os dois filhos de Dario II, Artaxerxes II e Ciro<sup>3</sup>, Plutarco<sup>4</sup> resume assim a opinião grega sobre a corte persa: ‘Comprovaram à evidência que o império persa e o seu rei possuíam ouro em abundância, luxo e mulheres; mas em tudo o mais eram de uma ostentação vazia.’ Este sentimento sempre animou a Grécia à resistência contra um inimigo apenas na aparência superior; sem, no entanto, impedir o fascínio e a curiosidade por um mundo inegavelmente contrastante com o espírito helénico, pela sua riqueza e ostentação.

As leis consuetudinárias dos Persas eram estritas quanto ao casamento do soberano: a noiva devia ser escolhida de entre as filhas das melhores famílias da aristocracia persa. A escolha era feita pelos progenitores, de acordo com critérios políticos, no sentido da consolidação de alianças que pudessem robustecer o poder do monarca. Os exemplos são inequívocos. Segundo Heródoto, o grande Ciro casou com Cassandane, filha de Farnaspes, de linhagem aqueménida<sup>5</sup>; Cambises, seu filho, com Fedima, filha de Otanes<sup>6</sup>; Atossa, filha de Ciro o Grande,

---

<sup>2</sup> Manfredini et Orsi 1996, XXVII sublinham a ‘singularidade’ desta *Vida* de acordo com os critérios habituais no biógrafo: Artaxerxes não era nem grego nem romano, mas um bárbaro, e Plutarco não era um apreciador de bárbaros. Daí a *Vida de Artaxerxes* resultar numa espécie de ‘retrato negativo’, que não deixa de ser surpreendente dentro do sentido pedagógico que justifica as *Vidas*.

<sup>3</sup> A Xerxes, filho de Dario I e condutor da campanha contra a Grécia, sucedeu Artaxerxes I (465-425 a. C.), avô de Artaxerxes II. Entre eles ocorreu o reinado curto de Xerxes II, herdeiro legítimo de Artaxerxes I, rapidamente assassinado, seguido de um irmão bastardo, filho do mesmo Artaxerxes I, que se chamou Dario II. Deste Dario II (424-405 a. C.) e de Parisátide – ambos filhos de Artaxerxes I mas de diferentes concubinas – nasceram ‘quatro filhos, Artaxerxes, o mais velho, seguido de Ciro, e os mais novos, Ostanes e Oxartes’ (*Vit. Artax.* 1.2). Alguma disparidade de testemunhos rodeia este círculo familiar: X. *An.* 1.1 menciona apenas Artaxerxes e Ciro, também referidos por Ctésias com nomes distintos (*FGrHist* 688 F 15<sup>a</sup>, 51); D. S. 17.5.5 menciona Ostanes como irmão de Artaxerxes II e pai de Dario III; Ctésias atribui a Dario II e Parisátide treze filhos. Sobre o assunto, veja-se Manfredini et Orsi 1996, 267. As grandes fontes de Plutarco para a *Vida de Artaxerxes* são Dínon, Ctésias e Xenofonte.

<sup>4</sup> Plut. *Vit. Artax.* 20.1. Perrin 1975.

<sup>5</sup> Hdt. 2.1.1, 3.2.2.

<sup>6</sup> Hdt. 3.68.3.

casou com Dario I<sup>7</sup>; por fim Xerxes I, filho de Dario, desposou Améstris, filha de Otanes<sup>8</sup>. Plutarco, em consonância, recorda o casamento de Artaxerxes II, o epónimo da sua *Vida*, com ‘uma mulher bonita e de bom caráter, por imposição dos pais’<sup>9</sup>. Entre os compromissos que Artaxerxes II assumiu de casar várias das suas filhas com nobres, está a promessa feita a Tiribazo de lhe conceder a mão de Améstris<sup>10</sup>; quando, porém, levado pela paixão pela mesma filha, desejou quebrar o compromisso, ‘prometeu em seu lugar como esposa a Tiribazo a mais nova’, Atossa<sup>11</sup>. Em momentos particulares da história persa, como aquele que se seguiu à crise de sucessão aberta pela morte de Cambises sem herdeiros, a tradição afeta ao casamento real podia tornar-se ainda mais restritiva. Entre os compromissos assumidos pelo grupo de aristocratas que derrubaram o falso Esmérdis, contava-se uma cláusula de importância para a solidariedade que entre eles se alicerçava<sup>12</sup>: ‘Decidiram que não seria permitido ao rei casar com nenhuma mulher que não da estirpe dos conjurados.’ Ciente da relevância do código tradicional de alianças por matrimónio, o mesmo Dario I que agora acedia ao trono ‘contraíu casamentos de grande importância para os Persas: desposou duas filhas de Ciro, Atossa e Artistone – Atossa já tinha sido casada com Cambises, seu irmão, e depois com o Mago<sup>13</sup>; Artistone era virgem<sup>14</sup>. Outra mulher com quem casou foi uma filha de Esmérdis, filho de Ciro, chamada Pármis. Desposou também uma filha de Otanes, a que desmascarou o Mago<sup>15</sup>. É óbvio, nesta multiplicidade de uniões, o desejo de Dario de consolidar a sua legitimidade: primeiro elegendo filhas e

<sup>7</sup> Hdt. 3.133.1.

<sup>8</sup> Hdt. 7.61.

<sup>9</sup> Plut. *Vit. Artax.* 2.5. Dario II e Parisátide, no desejo de aproximação à família de Hidarnes (um dos aliados de Dario I na luta contra o Mago), promoveram uma dupla união: do herdeiro real, Artaxerxes, com Estatira, e também da princesa Améstris com um outro filho do aristocrata, Teritucme. Apaixonado por uma das suas irmãs, Teritucme matou Améstris e organizou, contra o soberano, uma rebelião. Este crime acarretou a morte do filho de Hidarnes, bem como de todos os outros parentes; Estatira foi dos poucos que escapou por intervenção empenhada de Artaxerxes. Cf. Ctésias, *FGrHist* 688 F15. Poupado foi também Tissafernes, seu irmão, então residente na Ásia Menor. Já no poder, Artaxerxes II, por influência da mulher, tomou atitudes favoráveis aos seus parentes para lhes desagrar a memória; mandou matar o escudeiro delator da conspiração de Teritucme e reintegrou o filho deste seu cunhado, Mitrdates, na satrapia paterna (*FGrHist* 688 F16).

<sup>10</sup> Plut. *Vit. Artax.* 27.4.

<sup>11</sup> Plut. *Vit. Artax.* 27.4.

<sup>12</sup> Hdt. 3.84.2.

<sup>13</sup> De todos os maridos de Atossa foi sem dúvida o último, Dario, aquele que deu à corte persa maior dignidade e poder. Por isso Ésquilo, nos *Persas*, faz de Atossa simplesmente a viúva de Dario sem qualquer alusão aos seus casamentos anteriores.

<sup>14</sup> Talvez esta ideia de umas primeiras núpcias com o monarca justifique a preferência afetiva que Dario manifestava por Artistone. Por isso lhe dedicou uma estátua em ouro cinzelado (Hdt. 7.69.2). Da união de Dario com Artistone nasceram dois filhos, Ársames (Hdt. 7.69.2) e Góbrias (7.72.2).

<sup>15</sup> Hdt. 3.88.2.

esposas dos monarcas seus predecessores, de quem não provinha em sucessão directa; além de privilegiar a filha de um dos seus correlegionários na rebelião, de acordo com o pacto estabelecido. Superiores interesses da corte deixavam ao rei, em nome das suas preferências ou sentimentos, uma margem de escolha muito limitada.

Pontualmente, a dinâmica de conquista podia aconselhar uma estratégia: a proposta de aliança com uma estrangeira, que não passa de um golpe diplomático e é suscetível de levantar suspeitas, de tal modo era divergente da prática consagrada. Assim Cambises (530-522 a. C.), futuro conquistador do Egito, integrou nos seus planos de anexação do reino do Nilo uma proposta de casamento com uma princesa egípcia<sup>16</sup>, filha de Amásis. Heródoto justifica esta proposta com uma vingança: pactuar com os interesses de um médico egípcio, ao serviço da corte persa e por isso afastado da pátria e da família, que pretendia vingar a escolha que o faraó fizera impender sobre a sua competência. O pedido de Cambises não aparecia, portanto, como uma homenagem ou pacto de aliança, mas como um desafio. Assim o entendeu também o faraó, que apenas se preocupou com uma questão difícil: como recusar... sem recusar, na certeza de que se acedesse ‘ficava mortificado’, e se negasse ‘incorria na ira de Cambises’. Imaginou então, ao que conta Heródoto, um dolo: o de substituir a própria filha por outra jovem, Nitétis, filha do monarca anterior, Apries. A descoberta deste ludíbrio, uma ofensa pessoal e política a Cambises, tornou-se uma etiologia para o ataque ao Egito<sup>17</sup>. A esta versão, decerto persa, que justificava a campanha, Heródoto contrapõe outra, egípcia, para fundamentar a aproximação entre as duas casas reais. Essa outra versão, também interessante, defendia que Cambises era filho de Ciro e desta Nitétis, e que teria sido Ciro a pedir a mão da princesa egípcia e não o filho<sup>18</sup>. Revelador é o motivo que Heródoto invoca para depreciar a veracidade desta segunda versão<sup>19</sup>: ‘É que, antes de mais nada, os Egípcios estão fartos de saber – porque se há povo que conheça as leis persas é, sem dúvida, o egípcio – que aqueles têm por regra não entregar o trono a um bastardo, quando há um filho legítimo’. Com esta observação, o autor de *Histórias* confirma a impossibilidade de um casamento entre o rei persa e uma estrangeira, verdadeiramente o único ponto em comum nas duas leituras do episódio.

A algumas destas alianças políticas, a tradição soma o sentimento. Plutarco assinala este condimento na aliança de Artaxerxes II com Estatira, uma noiva imposta pelos pais mas que o marido, mais tarde, não quis perder ‘apesar da

---

<sup>16</sup> Hdt. 3.1.1-3.1.3.

<sup>17</sup> Hdt. 3.1.5.

<sup>18</sup> Hdt. 3.2.1. A versão que faz de Cassandane a mãe de Cambises tem todas as condições para ser a mais fidedigna e está de acordo com o testemunho dos textos cuneiformes. Veja-se *CAH*<sup>2</sup> 4.19.

<sup>19</sup> Hdt. 3.2.2.

opinião daqueles<sup>20</sup>. De facto, convulsões posteriores<sup>21</sup> tornaram mal vista a família da consorte real e punidos de morte alguns dos seus elementos; o rei (Dario II) queria também eliminar a nora, não fosse Artaxerxes ‘ter conseguido convencer a mãe a duras penas, com pedidos e lágrimas, de que a poupassem e o não separassem da mulher’<sup>22</sup>. Este episódio salienta a autoridade da rainha-mãe e a precariedade das alianças políticas, alterados os pressupostos que as justificaram.

A Cambises é atribuída a iniciativa de uma alteração profunda nos casamentos régios e a prática, progressivamente alargada, de alianças consanguíneas. Segundo Heródoto, foi a paixão do rei por uma das suas irmãs que desencadeou a revisão do *nomos* instituído<sup>23</sup>, para o que o monarca teve de consultar os conselheiros da corte, os únicos com autoridade para promover alterações nos costumes. Receosos do ânimo perturbado de Cambises, os conselheiros responderam a uma lacuna legal com outra lei em vigor<sup>24</sup>: ‘Que não se encontrava uma lei que permitisse a um irmão casar com uma irmã; mas em contrapartida havia uma que autorizava o rei dos Persas a agir segundo a sua vontade’. Cambises pôde então casar com a irmã que amava e, mais tarde, com outra ainda, Atossa<sup>25</sup>. A mesma prática veio a repetir-se, segundo Plutarco; Dario II e Parisátide, os pais de Artaxerxes II, eram também meios-irmãos, filhos ambos de Artaxerxes mas de diferentes concubinas<sup>26</sup>. Seguindo a mesma tradição, Artaxerxes II apaixonou-se por uma das suas filhas, Atossa<sup>27</sup>, com quem veio a casar com o patrocínio da rainha-mãe; e ‘há mesmo quem diga que, além de Atossa, o rei casou também com outra das suas filhas, Améstris’<sup>28</sup>. Parisátide faz neste contexto o mesmo papel que Heródoto tinha atribuído aos conselheiros de Cambises. Mesmo que Artaxerxes, por pejo, a não consultasse e, ao que parece, mantivesse na clandestinidade uma relação com a filha, a velha rainha repetiu a doutrina progressista dos conselheiros de Cambises; não por receio da fúria de um Artaxerxes fraco, mas para lhe conquistar a simpatia e o dominar, Parisátide aconselhou<sup>29</sup>: ‘que casasse com a jovem e fizesse dela sua esposa legítima, mandando passear as leis e os costumes à grega, já que para os Persas o rei era a lei e tinha sido designado

<sup>20</sup> Plut. *Vit. Artax.* 2.1.

<sup>21</sup> Veja-se supra nota 8.

<sup>22</sup> Plut. *Vit. Artax.* 2.2.

<sup>23</sup> Hdt. 3.31.2.

<sup>24</sup> Hdt. 3.31.4.

<sup>25</sup> Hdt. 3.31.6; cf. 3.31.1. Sobre este casamento consanguíneo de Cambises, cf. Ctésias, *FGrHist* 688 F13 (14); Strab. 17.1.5. Ctésias identifica a primeira das irmãs que Cambises desposou e que o acompanhou ao Egito com Roxana, e Estrabão com Méroe. As outras duas filhas de Ciro e Cassandane eram Atossa e Artistone (3.88.2, 7.69.2).

<sup>26</sup> Plut. *Vit. Artax.* 1.2; cf. Ctésias, *FGrHist* 688 F15. Outros exemplos são referidos por Manfredini et Orsi 1996, 297-98.

<sup>27</sup> Plut. *Vit. Artax.* 23.2-4.

<sup>28</sup> Plut. *Vit. Artax.* 23.4.

<sup>29</sup> Plut. *Vit. Artax.* 23.3.

pelos deuses para arbitrar o bem e o mal. E interveio no processo como uma verdadeira casamenteira, louvando junto de Artaxerxes a beleza e o caráter de Atossa<sup>30</sup>. O amor de Artaxerxes por sua filha Atossa ficou comprovado nos anos em que a lepra a vitimou<sup>31</sup>; além de dar mostras de um grande desgosto, a que os súbditos e amigos responderam com presentes generosos, assumiu o gesto de humildade de se prostrar numa súplica diante da deusa Hera<sup>32</sup>, em mais uma quebra da etiqueta motivada pelo sentimento, a que Artaxerxes era atreito. Este foi um gesto que ganhou popularidade, quando ‘os dezasseis estádios que separavam o templo do palácio se atravancaram de ouro, prata, púrpura e cavalos’<sup>33</sup>.

À consorte real assistia uma distinção particular, que se assinalava, desde logo, com a etiqueta que rodeava as bodas régias. Com o mesmo aparato se assinalava o termo da vida da soberana, motivo de honras fúnebres luxuosas e de um luto alargado aos súbditos<sup>34</sup>.

Ostentação equivalente era de regra no quotidiano do palácio, onde a soberana comparecia coberta de joias e em traje esplendoroso, de seu uso exclusivo e que ninguém mais poderia utilizar<sup>35</sup>. Grave quebra do protocolo seria também que alguém dela se abeirasse ou lhe tocasse. É neste pressuposto que Ésquilo retrata em cena a vinda de Atossa<sup>36</sup>, viúva de Dario e mãe de Xerxes, desfilando por entre os cortesãos. Sobre um carro magnífico<sup>37</sup>, seguida de um séquito numeroso, ela impõe a atitude respeitosa dos velhos do coro, que se prostram e ‘lhe dirigem as homenagens que lhe são devidas’<sup>38</sup>. Esta é a imagem sumptuosa da rainha da Pérsia na plenitude de todo o seu poder, ainda que sejam as apreensões que a todos afligem a razão da sua vinda. Mas quando a crise política se instala com a notícia da derrota na Grécia, numa segunda entrada em cena Ésquilo despoja Atossa de toda a magnificência anterior; fá-la vir agora a pé, em trajos sóbrios, como imagem de partilha do sofrimento do seu povo e de clarividente sentido político<sup>39</sup>. Uma enorme popularidade cercou Estatira, esposa

---

<sup>30</sup> Plut. *Vit. Artax.* 23.3. Plutarco (23.4) invoca o testemunho de Heraclides de Cumas (autor de uns *Persiká*, séc. IV a. C.), que igualmente regista o casamento de Artaxerxes com as suas duas filhas, Atossa e Améstris.

<sup>31</sup> Sánchez Hernández, González González 2009, 540, recordam o que diz Heródoto (1.138) sobre a lepra – o isolamento a que era relegado o paciente, por se entender a doença como um castigo divino – e imaginam que esse foi o motivo do ‘escrúpulo religioso’ do rei.

<sup>32</sup> Plut. *Vit. Artax.* 23.4-5. Anaitis, a deusa ora identificada por Plutarco com Atena (*Artax.* 3.1), ora com Ártemis (27.3).

<sup>33</sup> Plut. *Vit. Artax.* 23.5.

<sup>34</sup> Hdt. 2.1.1.

<sup>35</sup> Seria uma tremenda quebra de etiqueta que alguém comparecesse no banquete real com trajos régios, mesmo que os tivesse recebido por benesse do monarca (*Vit. Artax.* 15.2).

<sup>36</sup> Sobre o tratamento da personagem de Atossa nos *Persas*, veja-se Silva 2005, 108-11.

<sup>37</sup> Era interdito ao rei persa sair do palácio a pé. Deveria circular sempre num carro ou a cavalo (Heraclides de Cumas, *FGrHist* 689 F1; Dinon, *FGrHist* 690 F26).

<sup>38</sup> *Pers.* 150-154.

<sup>39</sup> *Pers.* 607-609.

de Artaxerxes II, que, nas suas saídas do palácio, tomou a iniciativa de se deixar admirar pelo povo<sup>40</sup>: ‘Sempre se apresentava sem cortinas, o que permitia que as mulheres do povo se aproximassem para abraçá-la. Por isso a rainha era amada de todos’. Deverá esta atitude de Estatira ser entendida como uma exceção, de apurado sentido político? Ou teria havido, na corte persa, com o curso dos anos, alguma abertura no sentido de uma maior exposição da casa real e de proximidade com o povo<sup>41</sup>?

No quotidiano do palácio, à rainha-mãe, como à esposa do rei, estavam destinados privilégios no acesso e contacto com a figura régia. Dentro das regras de um protocolo que pretendia protegê-lo como intocável no cume da hierarquia, só às duas mulheres, diz Plutarco<sup>42</sup>, era permitido partilhar a mesa do rei<sup>43</sup>. Estava também conferido à rainha-mãe e à consorte participar nos passatempos do soberano. Parisátide, jogadora hábil de dados, encontrava nesse dom uma forma de ter acesso a Artaxerxes, retirando daí dividendos de influência<sup>44</sup>. Apesar de as divergências políticas terem trazido algum esfriamento às relações mãe-filho, Parisátide ‘não só teve artes de se mostrar amável, como também partilhava das suas diversões, era confidente dos seus amores, que favorecia e até presenciava; em suma, deixou pouco espaço ao convívio e presença de Estatira; porque Parisátide odiava, entre todos, Estatira e o que pretendia era exercer influência sobre o rei’. Anexas às prerrogativas que a corte dispensava à rainha-mãe e à consorte real, esta referência de Plutarco deixa patentes as disputas e intrigas a que a relação entre as duas mulheres estava sujeita, na concorrência pelos favores régios<sup>45</sup>. O convívio quotidiano entre as duas parecia ocultar um intuito de controle e de vigilância permanente<sup>46</sup>. Assim, no costume de se visitarem e de partilharem refeições, Plutarco adivinha mais do que uma convivência natural, um indício ‘de que se temiam e deste modo se asseguravam de que comiam os mesmos alimentos servidos pelas mesmas pessoas’. Esta observação estabelece uma medida extrema para a animosidade e ciúmes desenvolvidos na corte persa. Entre as duas vontades fortes, Artaxerxes oscilava, dobrado por uma subserviência que causou alguma desintegração e decadência no império que governava<sup>47</sup>.

<sup>40</sup> Plut. *Vit. Artax.* 5.3.

<sup>41</sup> Pseudo-Plutarco, *Moralia* 173f diz que Estatira não comparecia diante do povo por iniciativa própria, mas por determinação de Artaxerxes, o que poderá significar que os dois pressupostos – objetivos políticos e progresso na etiqueta – se harmonizam.

<sup>42</sup> Plut. *Vit. Artax.* 5.3.

<sup>43</sup> Dínon, *FGrHist* 689 F2 retoca este princípio ao afirmar que o rei costumava tomar as refeições sozinho. Pontualmente podiam ser admitidos a esse convívio alguns membros da família real, mas sempre em mesas separadas e menos luxuosas. Só em ocasiões festivas os cortesãos partilhavam a mesma sala com o soberano.

<sup>44</sup> Plut. *Vit. Artax.* 17.2-3.

<sup>45</sup> Plut. *Vit. Artax.* 19.1.

<sup>46</sup> Plut. *Vit. Artax.* 19.2.

<sup>47</sup> Cf. Pl. *Lg.* 694-698; X. *Cyr.* 8.8.12.

O mesmo privilégio da consorte e da rainha-mãe junto do soberano serviu de motivo a Ésquilo no seu desenho dramático da corte persa. Ao fantasma de Dario, seu marido, só Atossa se atreve a dirigir a palavra, face à discrição respeitosa dos cortesãos, que nem a crise profunda que se abateu sobre Susa permitiu romper<sup>48</sup>. Como também, na qualidade de rainha-mãe, lhe está conferida a missão de receber o soberano derrotado no regresso da campanha. Com os trajos sumptuosos, que porá à sua disposição para substituir os farrapos do vencido, Atossa garante a Xerxes a reintegração simbólica no trono e na autoridade sobre a Pérsia<sup>49</sup>.

Esta convivência privilegiada faz da rainha da Pérsia uma figura de enorme influência dentro da corte, intervindo diretamente nas decisões régias ou substituindo a autoridade real nas suas ausências. Não surpreende, portanto, que a rainha tenha alguma visibilidade e mereça, dos diversos testemunhos, a tentativa de se criar, da sua personalidade, um perfil. Trate-se de Roxana<sup>50</sup>, a irmã-esposa que acompanhou Cambises na campanha do Egito<sup>51</sup>, de Amétris, esposa de Xerxes, ou de Parisátide, esposa de Dario II e mãe de Artaxerxes II, todas elas revelam inteligência, sagacidade e sentido político. Roxana é chamada a intervir, junto de Cambises, com a sua opinião sobre uma questão tão delicada como a da descendência e das relações entre os herdeiros reais. Perante as violências perpetradas por um rei que Heródoto retratou como louco, Roxana não hesitou em o censurar abertamente, em matéria tão suscetível como o homicídio, a mando do rei, do seu irmão Esmédis. Envolta em fantasia<sup>52</sup>, esta intervenção da esposa de Cambises assenta no pressuposto da influência e audição que a rainha podia ter junto do soberano, de quem lhe era até possível discordar, no conhecimento dos segredos de Estado<sup>53</sup>. É certo que Roxana se tornou mais uma vítima da sua frontalidade avisada junto do rei, que a agrediu até à morte<sup>54</sup>. Sem que esse assassinato tenha, segundo Heródoto, outro sentido sobre o estatuto da soberana, perante um Cambises que não poupou igualmente parentes, cortesãos e leais servidores aos seus arroubos de loucura.

Dentro da mesma convenção, Heródoto envolve, em cada uma das campanhas projetadas pelos soberanos da Pérsia, a intervenção da rainha. Determinante foi sem dúvida o papel assumido por Atossa na campanha contra a Grécia, planeada por Dario e levada a cabo por Xerxes. O *curriculum* que faz dela esposa de três monarcas e mãe de um quarto não foi de somenos para desenvolver,

---

<sup>48</sup> *Pers.* 694-706.

<sup>49</sup> *Pers.* 832-838.

<sup>50</sup> Veja-se supra nota 25.

<sup>51</sup> Hdt. 3.31.1.

<sup>52</sup> Hdt. 3.32.

<sup>53</sup> Cf. Heródoto 3.30.3, 3.61.1, 3.75.2.

<sup>54</sup> Hdt. 3.31.1.

na mulher inteligente que era, uma capacidade política e um ascendente determinantes no futuro do império. De acordo com as *Histórias*<sup>55</sup>, Atossa foi a impulsionadora dessa investida, ela mesma eco, junto de Dario, dos jogos de poder que se desenrolavam no palácio<sup>56</sup>; atuou, de facto, por sugestão do grego Democedes de Crotona<sup>57</sup>, médico da corte e detentor de um enorme prestígio pelas curas obtidas junto do rei e da rainha; mas, apesar do sucesso e da generosidade régia, Democedes aspirava ao regresso à pátria, para o que se valeu desse mesmo prestígio de modo a influenciar primeiro Atossa e, através dela, o próprio monarca<sup>58</sup>. O cenário escolhido por Heródoto para a conversa entre o casal régio sobre matéria política foi a alcova. Na intimidade do quarto, Atossa deu conta da sua sagacidade e prudência. Lembrou ao rei o lema da corte persa, o princípio de que o condutor dos destinos da Pérsia não devia ficar inativo, mas promover conquistas<sup>59</sup>; aproveitando da energia juvenil, Dario ganharia a consideração do seu povo, além de o manter ocupado e submisso à sua autoridade. Aos argumentos políticos, a Atossa de Heródoto acrescentou um toque de capricho feminino: o sonho de ter escravas gregas ao seu serviço<sup>60</sup>. Dario não contestou a oportunidade nem o conteúdo do conselho; reconheceu até que ele coincidia com os seus propósitos. Contrapôs apenas outra prioridade: a Cítia antes da Grécia. Mas, incapaz de repudiar a opinião de Atossa, enveredou pelo compromisso: avançar primeiro para a Cítia, mas ir desencadeando os preliminares para um ataque à Grécia; e cedeu naquele que era o principal objetivo da consorte, encarregar Democedes de conduzir uma incursão de espões no território grego. Abria-se, com o beneplácito régio, para o médico de Crotona, o sonhado caminho do regresso.

Influente na mesma campanha, a Atossa dos *Persas* atua num cenário diverso. É como regente, após a morte do marido e o desfecho iminente da campanha, que evidencia curiosidade política e idoneidade para uma avaliação da natureza do inimigo e das causas profundas da derrota. Vemo-la interrogar

<sup>55</sup> Hdt. 3.129-137.

<sup>56</sup> Asheri, Medaglia et Frascchetti 1990, 344, consideram este diálogo como ‘etiológico’, ou seja, expressivo das causas que determinaram a campanha persa contra a Grécia. Tal como Helena se tornou causa paradigmática de um conflito terrível, Atossa é considerada a motivadora das guerras persicas.

<sup>57</sup> Hart 1982, 77 considera esta cena um misto de um conto tradicional, mas ‘com um sólido substrato de verdade’, nomeadamente no que diz respeito à identidade de Democedes.

<sup>58</sup> As *Histórias* de Heródoto dão conta da presença de médicos estrangeiros na corte persa, detentores de um enorme prestígio e de uma influência política relevante. Assim o oftalmologista egípcio (3.1.1-2), que o faraó mandara exilado para a Pérsia e que usa do seu poder junto de Dario I para estimular um ataque ao Egito (cf. 3.129.2). Plutarco refere como uma das suas fontes para a *Vida de Artaxerxes* Ctésias de Cnidos, médico da família real e um conhecedor profundo da sua vida íntima, que registou num relato intitulado *Persiká* (*Vit. Artax.* 1. 2). Houve quem considerasse que Ctésias se deixou influenciar, na narrativa que produziu, por Parisátide, a rainha-mãe (*FGrHist* 688 F15a, 51).

<sup>59</sup> Cf. Hdt. 7.8.

<sup>60</sup> Cf. Ael., *VH* 11.27.

os cortesãos do coro sobre os Gregos, de acordo com os critérios próprios da mentalidade persa<sup>61</sup>: sobre a localização geográfica do inimigo, o seu potencial financeiro, estratégia de combate e as chefias que o conduzem. A conversa com Dario, agora que a morte do velho soberano se interpôs, tornou-se pública, para um balanço e compreensão do desastre que coroou a campanha da Grécia, mas sem perder um certo tom de confidencialidade pelo facto de ser Atossa o interlocutor privilegiado do fantasma. A Atossa esquiliana ouve mais do que comenta; mas compete-lhe fornecer à interpretação do fantasma uma síntese do ocorrido, dos pressupostos e responsáveis.

Por fim, Parisátide teve uma influência indesmentível no reinado do marido, Dario II (424-405 a. C.), e sobretudo, de acordo com Plutarco, na questão sucessória e no novo monarca, o seu filho mais velho Artaxerxes II. Deu mostras de uma personalidade que a literatura grega considerou típica da soberana persa. Perspicácia e sagacidade destacam-se como suas características fundamentais<sup>62</sup>, além de uma crueldade verdadeiramente bárbara<sup>63</sup>.

Questões relacionadas com a sucessão régia foram responsáveis por momentos de instabilidade na corte de Susa. A importância de um sucessor legítimo do trono revela-se, por exemplo, com Cambises que, entre os seus atos de loucura, cometeu o crime de matar a mulher que estava grávida<sup>64</sup> e assim privou a corte de um herdeiro e facilitou o acesso a um usurpador e a necessidade de uma revolta para trazer de regresso a normalidade. Apesar de prudente, esta disposição confrontou-se com inúmeras dificuldades e controvérsias. Uma situação difícil ocorreu com Dario I, na altura de avançar contra o Egipto. Recorda Heródoto<sup>65</sup> que o monarca, apesar de ter já, quando acedeu ao trono, três filhos do casamento com uma filha de Góbrias, acabou designando como seu sucessor Xerxes, o primogénito de quatro outros filhos que teve com Atossa<sup>66</sup>, filha de Ciro, por este ser o filho mais velho nascido depois de o pai ter estatuto de rei. Esta solução foi sugerida por Demarato, um soberano lacónio no exílio, residente na corte e conselheiro do rei, de acordo com uma prática espartana. Ao reconhecer, como sensata, a sugestão de Demarato, Dario I fixou um precedente que haveria de ser invocado mais tarde, em situações semelhantes. Sem que, no entanto, Heródoto deixe de reconhecer que ‘mesmo sem este conselho, Xerxes teria sido rei, porque Atossa era todo-poderosa’<sup>67</sup>.

Polémica de dimensões bastante mais graves envolveu a sucessão de Dario

---

<sup>61</sup> *Pers.* 230-244.

<sup>62</sup> *Plut. Vit. Artax.* 17.2, 23.3.

<sup>63</sup> *Plut. Vit. Artax.* 6.5.

<sup>64</sup> *Hdt.* 3.32.4.

<sup>65</sup> *Hdt.* 7.2-3.

<sup>66</sup> Além de Xerxes, Histaspes (*Hdt.* 7.64.2), Masistes (7.82) e Aquémenes (7.97).

<sup>67</sup> *Hdt.* 7.3.

II, com a intervenção da soberana, Parisátide. Plutarco<sup>68</sup> deixa claro que o caráter de Artaxerxes, o primogénito, débil e fraco, contrastava com a determinação de Ciro, o filho segundo, que cativou o apoio da mãe<sup>69</sup>. O argumento da rainha foi o usado no caso de Xerxes: o de que, quando Artaxerxes nasceu, o pai era um cidadão comum e já rei quando Ciro veio ao mundo. Designado sátrapa da Lídia e comandante dos exércitos na costa, Ciro iniciou uma rebelião contra o herdeiro indigitado; suspeito como traidor, Ciro foi salvo por Parisátide, apesar da gravidade da acusação. Com o afastamento de Ciro para o litoral, foram criadas condições para uma verdadeira guerra de sucessão. Nos bastidores, Parisátide favorecia os interesses de Ciro<sup>70</sup>, a quem disponibilizava recursos, numa demonstração de autoridade e de liberdade na gestão de bens consideráveis<sup>71</sup>, e conspirava em segredo<sup>72</sup>. Esta teia de intrigas aproveitava ainda do feitio mole do rei<sup>73</sup>. Todo este empenho pelos interesses de Ciro justificou a acusação contra Parisátide, de ser, com alguns amigos, a verdadeira causadora da guerra. Entre os que mais a hostilizavam estava Estatira, incomodada com a influência da sogra e com o risco que significava para a segurança do rei<sup>74</sup>. O contencioso entre as duas mulheres que, na versão de Plutarco, representavam as duas facções em litígio, havia de fazer de Estatira uma vítima da vingança da rainha-mãe<sup>75</sup>.

A vitória de Ciro, que implicou a sua morte<sup>76</sup>, abriu um longo percurso de prémios e vinganças, em que Parisátide deu largas ao ressentimento e a uma ferocidade bárbara. Não só demoveu Artaxerxes a eliminar alguns dos seus inimigos pessoais, como chamou a si o prazer de liquidar alguns por suas próprias mãos<sup>77</sup>. A um sujeito da Cária, que se vangloriava de ter sido o autor do golpe mortal contra Ciro e que o rei mandara matar, Parisátide reclamou-o para lhe aplicar uma morte de requintada malvadez<sup>78</sup>; a Mitridates, que se arrogava igual façanha, Parisátide denunciou-o ao rei, que o mandou torturar e executar<sup>79</sup>; o eunuco do rei, Masabates, que tinha decepado a cabeça e mãos de Ciro, Parisátide obteve-o

<sup>68</sup> Plut. *Vit. Artax.* 2.1.

<sup>69</sup> Plut. *Vit. Artax.* 2.2; cf. *X. An.* 1.14.

<sup>70</sup> Plut. *Vit. Artax.* 4.1.

<sup>71</sup> Manfredini et Orsi 1996, 274 lembram que Parisátide dispunha de um território designado por 'cintura da rainha', na Síria, de grandes recursos em cereais, gado e outros proventos, a que competia fornecer à rainha fundos para os seus gastos; cf. *X. An.* 1.4.9; Ctésias, *FGrHist* 688 F16; Pl. *Alcib.* 123 b-c.

<sup>72</sup> Plut. *Vit. Artax.* 4.1.

<sup>73</sup> Plut. *Vit. Artax.* 4.3-4, 5.1-3.

<sup>74</sup> Plut. *Vit. Artax.* 6.4-5.

<sup>75</sup> Plut. *Vit. Artax.* 6.5; cf. 17.6.

<sup>76</sup> A guerra terminou com a batalha de Cunaxa, em 401 a. C.

<sup>77</sup> Sobre as vítimas deste processo de vingança, veja-se Almagor 2009, 131-46.

<sup>78</sup> Plut. *Vit. Artax.* 14.5.

<sup>79</sup> Plut. *Vit. Artax.* 16.1.

do rei, como aposta numa partida de dados<sup>80</sup>; de posse da sua presa, ‘ordenou que os carrascos castigassem Masabates tirando-lhe os olhos em vida, e que o crucificassem e lhe arrancassem a pele.’ Por fim, à censura real respondeu com sobrançeria; a Clearco, um dos estrategos gregos das hostes de Ciro, foi garantida, na prisão, uma ração à parte, por empenho de Ctésias e com o beneplácito de Parisátide<sup>81</sup>; e perante a condenação que o aguardava, a rainha-mãe empenhou-se junto do monarca para que o poupasse.

Clearco veio a converter-se na mola impulsadora de uma vingança que de há muito bailava no espírito da velha rainha<sup>82</sup>, quando Artaxerxes, influenciado pela mulher, Estatira, se decidiu por quebrar o juramento feito à mãe e eliminá-lo. O estratego centralizou, portanto, mais uma intriga protagonizada pelas duas mulheres mais influentes do círculo real. E foi extrema a decisão de Parisátide: a de envenenar a rival. A intervenção da rainha-mãe neste atentado, de uma gravidade limite, parece ao próprio Plutarco uma versão inverosímil, imaginada por Ctésias. Mas no progressivo desafio à vontade de Artaxerxes, que o Queroneu vai somando, o assassinato de Estatira aparece como um clímax natural, como um sinal da confiança que Parisátide tinha na sua própria influência e ascendente junto do rei. Simulando passar uma esponja sobre as dissensões do passado, aproveitou-se da convivência com a esposa real e da conivência de uma criada fiel<sup>83</sup>, para servir à nora uma refeição envenenada. No maior sofrimento, Estatira pôde ainda denunciar ao marido a responsabilidade da mãe na sua morte. Mas apesar da investigação que desencadeou, Artaxerxes deu prova de fraqueza e dependência da vontade materna; foi sobre a serva que o castigo incidiu, deixando a que, para Plutarco, seria a mandante do crime incólume. Das suas dúvidas, Artaxerxes deu sinal com uma discreta rutura de relações e com o envio de Parisátide para um exílio em Babilónia. Rutura essa, aliás, de pouca duração (401-395 a. C.). Ao rei afinal fazia falta a presença da mãe, a sua perspicácia e determinação, para suprir as suas próprias debilidades. Parisátide acolheu de bom grado esta nova disposição do monarca e ‘colaborou de boa mente em tudo com o rei, não o contradizendo em nada que ele fizesse. Em contrapartida, tinha um enorme poder sobre ele e conseguia dele tudo o que queria’<sup>84</sup>.

---

<sup>80</sup> Plut. *Vit. Artax.* 17.1-6. Cf. compromisso semelhante obtido por Amétris de Xerxes, em Hdt. 9.111.1.

<sup>81</sup> Plut. *Vit. Artax.* 18.1-4.

<sup>82</sup> No §6, Plutarco anuncia o atentado de Parisátide contra a nora, em consequência da posição das duas na disputa entre Artaxerxes e Ciro pelo trono. Mas protela a descrição deste episódio para o §19, nas consequências da guerra. Com esta dispersão alude a divergência similar entre outros testemunhos: de Dínon, que integra o atentado no curso da guerra, e de Ctésias, que o coloca no seu termo.

<sup>83</sup> Plutarco (19.2) utiliza a intervenção da senhora e da escrava de uma forma que retoma a estratégia trágica da senhora / ama: as culpas de uma são adensadas ou aligeiradas em função do grau de conivência da outra. Sobre as versões controversas deste episódio, cf. Dínon, *FGrHist* 690 F15b; Ctésias, *FGrHist* 688 F29b, Plut. *Vit. Artax.* 19.3-4.

<sup>84</sup> Plut. *Vit. Artax.* 23.1-2.

O conflito sucessório que opôs Artaxerxes II e Ciro renovou-se, na geração seguinte, entre Dario, o primogênito, e Oco, seu irmão mais novo, mas muito mais ambicioso e obstinado, quando o rei anunciou, como seu sucessor, Dario III. Oco não olhou a meios para reivindicar o poder. Tentou utilizar a preferência de que Atossa, sua irmã, gozava junto do rei<sup>85</sup>. Passou a adúl-la, a prometer-lhe casamento e a posição de consorte real após a morte do pai. E Plutarco recorda<sup>86</sup>: ‘Corria até o boato de que, mesmo em vida do pai, Atossa se encontrava com o irmão às escondidas, ainda que a Artaxerxes essa traição passasse despercebida’. Tudo parece indicar que os objetivos de Oco tivessem encontrado em Atossa correspondência, sobretudo quando, após a execução de Dario, o herdeiro indigitado, as suas esperanças se viram reforçadas, ainda uma vez ‘incentivadas por Atossa’<sup>87</sup>.

O círculo feminino em volta do rei incluía muitas concubinas, cujo estatuto revestia algum desprestígio para uma mulher de distinção. Daí, como vimos, a reserva de Amásis em enviar para a Pérsia a sua filha para tão desprestigiante destino<sup>88</sup>. Há mesmo uma hierarquia no harém segundo o ascendente de cada mulher<sup>89</sup>. A obtenção de concubinas resultava da compra<sup>90</sup>, do saque de guerra<sup>91</sup>, ou da exigência do rei de filhas de família da própria aristocracia persa<sup>92</sup>. Imagem desta reivindicação pode ser a exigência que Xerxes, no regresso da campanha contra a Grécia, fez da cunhada, por quem se sentia apaixonado<sup>93</sup>. Dados os elos familiares com Masistes, seu irmão, Xerxes evitou uma ordem direta e enveredou pelo dolo. Tentou primeiro seduzir a cunhada; frustradas as suas pretensões, usou o estratagema de casar o próprio filho com a sobrinha, para provocar uma aproximação. Os objetivos, de alcance político, que estas alianças representavam para a corte persa, Heródoto converteu-os num processo de alcance pessoal. Plutarco afirma que Artaxerxes II, embora tivesse pela mulher um sentimento afetuoso, mesmo assim se rodeou de ‘360 concubinas de excelsa beleza’<sup>94</sup>.

O costume persa preservava este círculo feminino como propriedade exclusiva do monarca. O zelo da exclusividade, que Plutarco considera próprio de bárbaros, justificava a pena de morte para quem ousasse tocar uma concubina régia, ou para quem dela se aproximasse ou a abordasse nos seus trajetos de carro<sup>95</sup>. Foi com incómodo que Artaxerxes II recebeu do filho, Dario III, que

---

<sup>85</sup> Plut. *Vit. Artax.* 26.1-2.

<sup>86</sup> Plut. *Vit. Artax.* 26.2.

<sup>87</sup> Plut. *Vit. Artax.* 30.1.

<sup>88</sup> Hdt. 3.1.2.

<sup>89</sup> Hdt. 3.1.4.

<sup>90</sup> Hdt. 1.135.

<sup>91</sup> Hdt. 9.76.2.

<sup>92</sup> Hdt. 3.159.2.

<sup>93</sup> Hdt. 9.108.1.

<sup>94</sup> Plut. *Vit. Artax.* 27.2. Ou seja, o equivalente ao número de dias do ano; cf. D. S. 17.77.6.

<sup>95</sup> Plut. *Vit. Artax.* 27.1.

acabava de nomear seu herdeiro, o pedido – legítimo, por provir do herdeiro indigitado, mas inconveniente – de que lhe concedesse Aspásia<sup>96</sup>, sua concubina, antes favorita de Ciro, o irmão do rei<sup>97</sup>. Escândalo agravado por a jovem, que pôde escolher, ter optado pelo príncipe herdeiro<sup>98</sup>. Artaxerxes tudo fez para a conservar, ou pelo menos para evitar que o filho a possuísse; como último recurso, nomeou-a sacerdotisa de Ártemis em Ecbátana, obrigando-a a um voto de castidade vitalícia<sup>99</sup>.

O harém, englobadas as mulheres legítimas e as concubinas, fazia parte da herança que se transferia de um monarca para o seu sucessor. Assim aconteceu com as mulheres de Cambises em relação ao Mago que, ainda que ilegitimamente, lhe sucedeu no trono até ser desmascarado<sup>100</sup>. Este episódio de instabilidade política serviu ainda para demonstrar a intervenção destas mulheres nos destinos da Pérsia. Otanes, um dos conjurados, serviu-se da filha, Fedima, para apurar a identidade de Esmédis que então reinava sobre a Pérsia<sup>101</sup>, sem hesitar em a pôr em perigo em nome dessa importante informação. É na cama que a filha de Otanes toca as orelhas do desconhecido com quem dormia e obtém a prova de que não se trata do filho de Ciro, mas de um Mago usurpador<sup>102</sup>.

Das concubinas esperava-se que animassem, com os seus cantos e danças, os banquetes da corte<sup>103</sup>. Apesar de lhe ser devido o respeito das concubinas, a rainha tinha de aceitar-lhes a proximidade com o soberano. Em termos de coabitação, as mulheres encontravam-se rotativamente com o monarca<sup>104</sup>, numa privacidade respeitada; os próprios conjurados que destronaram o Mago e levaram Dario I ao poder, no seu pacto de proximidade e cooperação, abriram uma cláusula de exceção para este aspeto<sup>105</sup>. Uma infração a esta regra era punida de morte, fosse qual fosse o estatuto do transgressor<sup>106</sup>.

É consensual, nos diversos testemunhos, a abundância de recursos e a liberdade no seu uso por parte das mulheres. A Democedes, o médico de

---

<sup>96</sup> Esta mulher da Foceia, na Iónia, livre de nascimento, ficou famosa pela beleza, carácter e educação superiores, o que lhe valeu os apelidos de 'sensata' e 'bela' (X. *An.* 1.10.2; Ael. *VH* 12.1; Ath. 13.576d; Plu., *Per.* 24.11-12). Aspásia foi primeiro incorporada no campo de Ciro, como sua concubina, e, após a derrota deste, transitou para o harém do soberano vitorioso (Plu. *Vit. Artax.* 26.9; X. *An.* 1.10.2).

<sup>97</sup> Plut. *Vit. Artax.* 26.5.

<sup>98</sup> Plut. *Vit. Artax.* 27.2.

<sup>99</sup> Plut. *Vit. Artax.* 27.4.

<sup>100</sup> Hdt. 3.68.3.

<sup>101</sup> Hdt. 3.68-69.

<sup>102</sup> O mesmo plano para desmascarar o Mago é referido por Justino (1.9.17). Trata-se de um recurso eficaz, por o falso Esmédis ter sofrido a mutilação das orelhas como castigo.

<sup>103</sup> Dínou, *FGrHist* 689 F1, 27.

<sup>104</sup> Hdt. 3.69.6.

<sup>105</sup> Hdt. 3.84.2.

<sup>106</sup> Hdt. 3.118.1.

Crotona que tratou com sucesso de Dario, as mulheres presentearam com taças de ouro, mergulhadas num cofre onde ele era tanto que ‘um criado chamado Cíton juntou uma grande riqueza em ouro só por ter apanhado as moedas que transbordavam das taças’<sup>107</sup>.

No harém real viviam em conjunto as esposas e as concubinas do rei<sup>108</sup>. Entre elas era habitual a convivência, as conversas, as disputas, os zelos. Quebrar esta rotina e isolar as mulheres era sinal de uma anormalidade suspeita, própria, por exemplo, de um monarca ilegítimo como o Mago que sucedeu a Cambises<sup>109</sup>. E apesar dos costumes que estipulavam uma rotatividade nos favores régios, tudo indica que a natureza humana suscitasse atritos entre concorrentes. Um caso significativo é o que Heródoto<sup>110</sup> narra a propósito do desagrado de Cassandane por alguma desatenção da parte de Ciro, seu marido, envolvido nos encantos de uma concubina egípcia; é claro que a situação motivou comentários e divisões no harém. Cassandane tinha a seu favor o que qualquer persa consideraria uma credencial de peso: tinha dado ao rei muitos filhos, esbeltos e fortes todos eles, apesar de o monarca se mostrar desatento ou insensível. Esta indiferença validou o rancor da soberana e até a vingança do seu primogénito que, assumindo as dores da mãe, entendeu atacar o Egito de onde a rival era oriunda. Nos seus contornos excessivos, este episódio assenta num quadro aceitável: o das tensões pessoais de que o harém persa era cenário.

Próximo do fecho das *Histórias*<sup>111</sup>, Heródoto introduz um conto de ficção situado em Sardes e depois em Susa<sup>112</sup>, finda a invasão persa da Hélade<sup>113</sup>. O protagonista é Xerxes, vítima de uma paixão por duas mulheres, rivais da consorte legítima, Améstris, a mulher de Masistes, seu irmão, e a filha deste casal, Artáinte. Num esboço rápido, Heródoto desenha o perfil do objeto dessa paixão; trata-se de uma anónima, ‘a mulher de Masistes’. Não se lhe exalta a beleza, mas uma superioridade moral que faz dela, mais do que uma vítima, uma criatura inocente e honesta, que resiste às pretensões do rei. A própria condição de mulher de Masistes lhe serve de escudo. No entanto, apesar de aparentemente protegida, está destinada a sofrer uma violência profunda e de todo inesperada.

Incapaz de se fazer obedecer, Xerxes inventou um dolo: casar o filho com a sobrinha, filha de Masistes, para provocar uma aproximação. Mas, inesperadamente, a inconstância de Xerxes leva-o a focar-se numa nova paixão, agora pela sobrinha e nora, ‘a mulher de Dario, seu filho’<sup>114</sup>, e com sucesso. Pouco é

<sup>107</sup> Hdt. 3.130.4.

<sup>108</sup> Hdt. 3.68.3-5, 3.88.2-3, 3.130.4-5.

<sup>109</sup> Hdt. 3.68.5.

<sup>110</sup> Hdt. 3.3.1-3.

<sup>111</sup> Hdt. 9.108-113.

<sup>112</sup> Hdt. 9.108.1-2.

<sup>113</sup> Sobre esta história, veja-se Wolff 1964, 51-81.

<sup>114</sup> Hdt. 9.108.2.

adiantado sobre esta outra figura feminina; tem nome, Artaínte, e recebe o estigma de uma imoralidade que a distancia da mãe, na forma de se entregar às pretensões reais.

O aparato das roupas habitual na corte funciona como um isco que, voluntária ou involuntariamente, Améstris, a consorte régio, lança à imponderação e vaidade do marido com a oferta de um traje imponente, feito por suas mãos. Não se enganou a perspicácia de Améstris, já desconfiada da infidelidade do rei; Xerxes rejubilou e atrás desse gozo apoderou-se dele uma generosidade imprudente. A Artaínte ‘ordenou’ que pedisse, da sua magnânima solicitude, o que quisesse. A jovem joga no processo com ligeireza e uma vaidade, que partilhava com o monarca, acrescida de um desafio muito feminino que a amante lançava sobre a mulher legítima.

Colocado perante um pedido imprudente, o rei tenta recusar; é sobretudo o medo<sup>115</sup> de Améstris que o domina. Desdobra-se noutras promessas, sem conseguir ‘persuadi-la’<sup>116</sup>. Por isso cede, com a mesma fraqueza que é apanágio de outros monarcas persas na intimidade. Cometido o delito, chega o momento de a rainha ‘ver’ e ‘compreender’ a ofensa de que foi vítima; verifica-a na imponderação da rival, que não cessa de se gabar<sup>117</sup>, fascinada com o seu tesouro e sem se dar conta de que ofendia uma fera em potência.

Améstris vai revestir o papel da soberana que cobra a reparação, mas falha o alvo da vingança, ‘suspeitando’ que a inspiração do delito viesse da mãe, a mulher de Masistes. Por isso, a decisão, racional e fria, que tomou de ‘arruinar a adversária’<sup>118</sup> falhou o alvo e, pela injustiça, tornou-se de uma tremenda crueldade<sup>119</sup>.

Améstris começa por aprisionar a vontade real: aguarda, para fazer o pedido, o dia do aniversário real<sup>120</sup>, em que, segundo o protocolo, o rei não podia negar um pedido que lhe fosse feito<sup>121</sup>. Foi então que lhe pediu o seu presente, a mulher de Masistes.

Apesar do ‘horror e indignação’ que sentiu, por razões de natureza familiar e ética<sup>122</sup>, Xerxes anuiu. Améstris, essa, foi inflexível. Serviu-se dos guardas do rei para aprisionar a sua vítima. E optou, como cobrança, pela mutilação<sup>123</sup>. Ao conceder a Améstris a satisfação do seu pedido, o monarca ‘percebia-lhe as

---

<sup>115</sup> Hdt. 9.109.3; cf. 1.9.1.

<sup>116</sup> Hdt. 9.109.3.

<sup>117</sup> Hdt. 9.109.3.

<sup>118</sup> Hdt. 9.110.1.

<sup>119</sup> Cf. 7.114, sobre a crueldade de Améstris.

<sup>120</sup> Sobre a forma persa de celebrar o aniversário, cf. Heródoto 1.133.

<sup>121</sup> Hdt. 9.111.1.

<sup>122</sup> Hdt. 9.110.3.

<sup>123</sup> Hdt. 9.112. Heródoto vulgariza entre os soberanos bárbaros este tipo de práticas; cf. 2.162, 3.69.3-6, 3.73, 3.118.1, 3.154.2, 4.201.

intenções<sup>124</sup> e, portanto, entregava conscientemente uma vítima nas suas mãos. E não satisfeito em ‘conceder a Améstris que procedesse a seu bel prazer’<sup>125</sup>, pôs em marcha uma máquina de hipocrisia junto de Masistes. Fingiu generosidade: apelou ao parentesco, avançou com elogios<sup>126</sup>, para lhe propor outra companhia: em vez da esposa e mãe dos seus filhos, uma filha do rei.

A reação de Masistes foi de estupefação e recusa, com base nas regras elementares de convivência conjugal<sup>127</sup>. Na sua reação ficou patente que não era um irmão que reconhecia em Xerxes, mas a prepotência de um soberano. A causa que os confrontou não foi apenas pessoal, mas sobretudo política. Ferido na sua arrogância, Xerxes depôs a máscara: retirou-lhe a oferta da filha, sem lhe devolver a mulher, porque não se tratava de uma escolha, mas de uma imposição. Masistes partiu, com o desafio de resistir à tirania por que se sentia atingido.

De regresso a casa, concertou-se com os filhos para obter a reparação que se impunha, pela sublevação militar. Xerxes, porém, avisado a tempo, mobilizou as suas forças e massacróu-o<sup>128</sup>, junto com os filhos e com os apoiantes, num aniquilamento pessoal e político. Heródoto deixava implícita a ideia de que, enquanto o avanço grego prosseguia no sentido da libertação da Europa, a casa e o poder real persas se fraturavam em disputas intestinas. Incólume ficou Améstris, de um gesto de cobrança, em si mesmo legítimo, ainda que manchado por um sabor a injustiça.

Do todo fornecido por estes diversos testemunhos, mesclados de ficção e de tradições populares, resulta a ideia do peso e da autoridade que a soberana detinha na corte da Pérsia, apesar do aparente distanciamento que protegia a superior figura do rei. Próximas e influentes, sobretudo quando o monarca manifestava um carácter débil, estas figuras agiram com visibilidade e interferência no fluir histórico da corte.

---

<sup>124</sup> Hdt. 9.110.3.

<sup>125</sup> Hdt. 9.111.1.

<sup>126</sup> Hdt. 9.111.2.

<sup>127</sup> Hdt. 9.111.3.

<sup>128</sup> Hdt. 9.113.1-2.

## BIBLIOGRAFIA

- Almagor, E. 2009. "A "barbarian" symposium and the absence of philanthropia (*Artaxerxes* 15)." In *Symposion and philanthropia in Plutarch*, 131-46. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- Asheri, D., S. M. Medaglia e A. Fraschetti. 1990. *Erodoto. Le Storie III. La Persia*. Milano: Fondazione Lorenzo Valla-Mondadori Editore.
- Beck, M., ed. 2014. *A Companion to Plutarch*. Chichester: Blackwell.
- Briant, P. 1996. *Histoire de l'empire perse. De Cyrus à Alexandre*. Paris: Fayard.
- Desideri, P. 1995. "«Non scriviamo storie, ma vite» (Plut. *Alex.* 1. 2): la formula biografica di Plutarco." In *Testis temporum. Aspetti e problemi della storiografia antica*, 15-25. Pavia: Università.
- . 2012. "«Non scriviamo storie, ma vite» (Plut. *Alex.* 1. 2): la formula biografica di Plutarco." In *Saggi su Plutarco e la sua fortuna*, ed. A. Casanova, 219-27. Firenze: Firenze University Press.
- Fuscagni, S. 2000. "Le *Vite parallele* come genere letterario ovvero Plutarco: uno storico e il suo genere." In *I Generi Letterari in Plutarco (Atti de VIII Convegno plutarco, Pisa, 2-4 giugno 1999)*, ed. I. Gallo e C. Moreschini, 19-28. Napoli: M. D'Auria.
- Gallo, I. e C. Moreschini, ed. 2000. *I generi letterari in Plutarco, Atti del VIII Convegno plutarco. Pisa, 2-4 giugno 1999*. Napoli: M. D'Auria.
- Garvie, A. F. 2009. *Aeschylus. Persae*. Oxford: Oxford University Press.
- Geiger, J. 2014. "The Project of the *Parallel Lives*. Plutarch's conception of Biography." In *A Companion to Plutarch*, ed. Mark Beck, 292-303. Chichester: Wiley-Blackwekk.
- . 2000. "Political Biography and the Art of Portraiture: some Parallels." In *I Generi Letterari in Plutarco (Atti de VIII Convegno plutarco, Pisa, 2-4 giugno 1999)*, ed. I. Gallo e C. Moreschini, 39-45. Napoli: M. D'Auria.
- Hart, J. 1982. *Herodotus and Greek History*. London-Camberra: Croom Helm.
- Humble, N., ed. 2010. *Plutarch's Lives: Parallelism and Purpose*. Swansea: Classical Press of Wales.
- Manfredini, N. e D. P. Orsi. 1996. *Plutarco. Le Vite di Arato e di Artaserse*. Milano: Fondazione Lorenzo Valla-Mondadori Editore.
- Pérez Jiménez, A. 2000. "Retrato literario y biografía menor en el *corpus Plutarcheum*." In *I Generi Letterari in Plutarco (Atti de VIII Convegno plutarco, Pisa, 2-4 giugno 1999)*, ed. I. Gallo e C. Moreschini. Napoli: M. D'Auria, 29-37.
- Perrin, B. 1975. *Plutarch's Lives*. Vol. 9. Cambridge (MS): Harvard University Press-Leadership College London.

- Sánchez Hernández, J. P. e M. González González. 2009. *Plutarco. Vidas paralelas*. Vol. 7. Madrid: Gredos.
- Silva, M. F. 2005. *Ésquilo, o primeiro dramaturgo europeu*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Sores, C. 2007. "Rules for a good description: theory and practice in the *Life of Artaxerxes* (§§1-19)." *Hermathena* 182: 86-89.
- Stadter, P. A. 2016. *Plutarch and his Roman Readers*. Oxford: Oxford University Press.
- . 1992. *Plutarch and the Historical Tradition*. London- New York: Routledge.
- Wolff, E. 1964. "Das Weib des Masistes." *Hermes* 92: 51-81.

